

**No campo das Ciências Sociais: uma visita A Morte e a Morte de Quincas Berro D'água reflete os padrões sociais preestabelecidos pela sociedade contemporânea.**

Washington Flávio Carvalho da Cruz

Neste artigo, pretendo fazer uma análise das consciências sociais, das regras e padrões comportamentais, econômicos, religiosos e dos valores de família que se encontram arraigados na sociedade contemporânea. Partindo da análise do livro *A Morte e a Morte de Quincas Berro D'água*, do escritor baiano Jorge Amado, e usando o referencial teórico adquirido ao longo de minha formação acadêmica e do mestrado em *Ciencias Sociales* não apenas teorizarei, mas visualizarei os padrões comportamentais da sociedade contemporânea revisitados pela literatura e presentes nas avenidas, nas ruas, nos guetos, nos portos, nos becos não apenas da Bahia, mas de diversas cidades contemporâneas.

Se revisitarmos a história da humanidade veremos que ela é marcada por uma antropológica guerra de valores, que são construídos e reconstruídos ao longo do tempo. Os valores que são dados a cada elemento natural ou de formação social obedecem a uma linha cronológica medida através do processo de evolução intelectual, econômico, industrial e religioso de cada sociedade.

Assim, ao pensarmos na personagem principal da novela *A Morte e a Morte de Quincas Berro D'água*, veremos a figuração do ideário social traçado por valores preestabelecidos através de pactos sociais. Um exemplo de cidadão: Joaquim Soares da Cunha foi funcionário da Mesa de Rendas Estadual, obedeceu por um vasto momento da sua vida aos valores impetrados pela sociedade, família e regras comportamentais da Instituição em que trabalhava; responsável, esposo, pai, amigo de pessoas que ocupavam altos postos de trabalho, bem como posições sociais de destaque na sociedade soteropolitana, Joaquim era motivo de orgulho para família, amigos e colegas.

Mas o que viveria o homem Joaquim Soares em sua vida familiar cotidiana? Quais os seus anseios? Como era sua família? Seus desejos eram guardados apenas para si. Sua esposa, dona Otacília, sempre foi mais esposa do que mulher, obedecendo a todos os padrões da sociedade da época, jamais se permitiu extravasar qualquer sentimento contrário ao que era tido como “normal” às pessoas da época. Mulher rígida em seus costumes, mantinha a família sobre seus atos coercivos. A sua filha, Vanda, ainda muito jovem, já dava sinais de que seria uma “seguidora” da sua genitora, fato que provocava em seu pai uma consciência de repulsa à sua inocente prole.

Em *As regras do Método Sociológico*, o sociólogo Émile Durkheim ao abordar o que é um fato social o faz na colocação:

Quando desempenho meu papel social de irmão, de esposo ou de cidadão, quando realizo os compromissos que tomei, cumpro deveres que são definidos para além de mim e dos meus atos, no direito e nos costumes. Mesmo quando eles estão de acordo com meus sentimentos próprios e sentindo-lhes interiormente na realidade esta não deixa de ser objetiva, pois não fui eu que os estabeleci, antes os recebi pela educação. (DURKHEIM, 2001, p. 31-32)

Com essa colocação de Durkheim podemos refletir o posicionamento de Joaquim Soares da Cunha frente à sociedade, ele cede aos princípios sociais e reprime suas vontades, a sua formação educacional o encarcera por muitos anos. Porém, num dado momento da vida de Joaquim, em especial na ocasião do anúncio do noivado de sua filha, quando se encontravam Joaquim, D. Otacília e Vanda, no embalo de conversas corriqueiras, Vanda conta aos pais que irá ficar noiva de Leonardo, o anúncio não comove a Joaquim, que permanece inerte sentado em um sofá na sala, observando sua esposa trabalhando em sua máquina de costura e Vanda ao seu lado. Irritado com a cena que vislumbrava, Joaquim vociferou em disparada:

- Jararacas!

E, com a maior tranquilidade desse mundo, como se estivesse a realizar o menor e mais banal dos atos, foi-se embora e não voltou. (AMADO, 2000, p.35)

Isso causou espanto e horror nas duas mulheres tão requintadas e acostumadas com todos os mimos de quem as cercavam. Esse é o momento do rompimento familiar, agora Joaquim corta todos os laços que o ligavam à família e aos princípios da sociedade formal, pensada e articulada em ideais convencionais; Joaquim parte para uma nova vida, libertina, sem conceitos, sem regras e sem valores ditados sobre o que é certo e errado.

Em *Do Contrato Social*, Jean-Jacques Rousseau diz:

O homem nasceu livre, e em toda parte se encontra sob ferros. De tal modo acredita-se o senhor dos outros, que não deixa de ser mais escravo que eles. (ROUSSEAU, 2000, p. 10)

Ao abandonar a família, indo procurar “asilo” nas ruas, Joaquim nasce para os que de fato pareciam ser seus, é a renascença de um novo homem e a morte de um “serviçal”, tal qual um escravo de engenho. Joaquim era um escravo social, agora libertado. Nesse momento morre Joaquim Soares, nasce Quincas, o poeta das ruas, o filósofo dos bêbados, o amigo dos renegados socialmente, o amante das meretrizes, o assíduo frequentador dos bares do Mercado e da Baixa dos Sapateiros, espaços de liberdade cultural das ruas de Salvador.

Este é um momento sublime posto pelo autor, ao tempo em que nasce Quincas, morre Joaquim, esta primeira morte é a morte social do indivíduo que rompe com o “contrato social” preestabelecido e resolve viver em seu estado de liberdade natural, o qual será julgado pelos atores que compõem a sociedade dos costumes e ideologias reprimidas.

Como recuperar a liberdade do momento do nascimento em uma sociedade que dita regras, que oprime? Sabemos que a hipocrisia social está inserida no seio das relações cotidianas, como cita Marx e Engels em *Manifesto do Partido Comunista*: “A burguesia rasgou o véu de comovente sentimentalismo que envolvia as relações familiares e as reduziu a meras relações monetárias” (MARX & ENGELS, 2000, p. 48).

Quincas é a metáfora viva para visibilizar as represálias sociais que vivem aqueles que resolvem abandonar as regras que regem a sociedade. Assim, é possível ver que a liberdade é sempre velada, as regras sociais limitam o comportamento dos cidadãos. Como coloca Durkheim:

Caso tento violar as regras do direito, elas reagem contra mim de modo a impedir o meu ato, se ainda não for possível, ou a anula-lo e a reestabelecê-lo sob a sua forma normal, se já executado e reparável, ou a fazer-me expiá-lo se não houver outra forma de reparação. . (DURKHEIM, 2001, p. 32)

Como ocorreu com Quincas quando passou a frequentar bares da Cidade Baixa, bairro de Salvador e um dia qualquer, em virtude de um acontecimento marcante ganhou a alcunha de berro d'água.

Não que seja fato memorável ou excitante história. Mas vale a pena contar o caso, pois foi a partir desse dia que a alcunha de berro d'água incorporou-se definitivamente ao nome de Quincas. Entrara ele na venda de Lopez, simpático espanhol, na parte externa do Mercado. Freguês habitual, conquistara o direito de servir-se sem auxílio do empregado. Sob o balcão viu uma garrafa transbordando de límpida cachaça, transparente, perfeita. Encheu um copo, cuspiu para limpa a boa, virou-o de uma vez. E um berro inumano cortou a placidez da manhã no Mercado, abalando o próprio Elevador Lacerda em seus profundos alicerces. O grito de um animal ferido de morte, de um homem traído e desgraçado:  
- Águuuuuua! (AMADO, 2000, p. 45)

Pelo seu brado retumbante, passou a ser conhecido por Quincas Berro D'água. Ao longo do tempo foi conquistando admiração e respeito no seu novo meio, em sua nova família. Quincas Berro D'água é o "mascote" das periferias de Salvador, é o *Dom Juan* da baixa meretrícia, provocando pavor e angústia aos seus consanguíneos, repugnância dos irmãos e descaso dos amigos de outrora. Assim, se lermos o que diz Durkheim e refletirmos o contexto sociocultural da sociedade contemporânea veremos que:

...Todos os indivíduos bebem, dormem, comem, raciocinam, e a sociedade tem todo o interesse em que estas funções se exerçam regularmente. Mas, se estes fatos fossem sociais, a sociologia não teria um objeto que lhe fosse próprio e o seu domínio confundir-se-ia com o da biologia e da psicologia. (DURKHEIM, 2001, p. 31)

Neste contexto, o Jorge Amado enfatiza com maestria e singularidade as estratificações sociais, as desigualdades de classes e como os indivíduos de baixo poder aquisitivo é desrespeitado, ignorado e irrefletido no contexto social mais favorecido economicamente. De acordo com Tomazi:

A questão da estratificação social foi analisada pelo sociólogo brasileiro Octávio Ianni, em diferentes sociedades, com base, fundamentalmente, na forma como os indivíduos organizam a produção econômica e o poder político. (TOMAZI, 2010, p. 68).

Joaquim Soares, ao morrer para a sociedade formal e nascer como Quincas, se estabelece em outro meio social. Este grupo social ao qual se junta é segregado por não possuir as condições econômicas e sociais aceitáveis. Os indivíduos que compõem esse meio são estigmatizados e muitas representações sociais em seus entornos são maculadas de forma a induzi-los a uma consciência negativa sobre suas existências. No geral, esses cidadãos nem tão só são marginalizados pelos agentes sociais externos a eles, como também esses se marginalizam, se inferiorizam por se permitirem acreditar que são de classes inferiores, que não fazem e não podem fazer parte da sociedade. Mas afinal, o que é a sociedade se não a junção de pessoas indiscriminadamente?

Durkheim nos leva a refletir atos comuns aos indivíduos: beber, dormir, comer, raciocinar são sentidos próprios de todos os seres sociais, porém vistos com diferença de acordo ao contexto sociocultural. Assim, por ter rompido com a sociedade da qual fazia parte e ido para as camadas mais populares, misturar-se aos ébrios e as prostitutas, Quincas passa a ser visto como um “vagabundo”, entretanto, quantos “pacatos cidadãos” na sociedade contemporânea não embriagam-se, envolvem-se em escândalos, traem seus parceiros e cônjuges e vivem as hipocrisias das relações socioculturais veladas, como Vandinha e Leonardo.

Ao definir dois tipos sociais, os quais Durkheim denominou de “solidariedade mecânica e solidariedade orgânica”, defendendo que cada sociedade obedecia a valores que eram determinantes para a convivência dos seus cidadãos, ele defende que é a sociedade que prevalece sobre o indivíduo.

As “formas pensamentos”, modelos de organização do pensamento social, encontram-se sobre a égide da coletividade, são exteriores ao indivíduo e ele sobre essa força se encontra, na maioria da vezes, impotente e incapaz de agir contra ela, se submetendo aos seus arrolos morais, econômicos, políticos e religiosos. Nesse contexto, podemos considerar o que diz Durkheim:

A consciência pública reprime todos os atos que as ofendam através da vigilância que exerce sobre o comportamento dos cidadãos e das penas especiais de que dispõe. (DURKHEIM, 2001, p. 32).

Diante do novo modelo capitalista de produção faz-se emergir “das profundas águas do brutal sistema capitalista” a *sociedade do ter*. A busca pela ascensão social e financeira torna as pessoas cada vez mais materialistas e menos humanas, suprir suas “necessidades” supérfluas é questão de honra, os homens se tornam rolos compressores sobre outros homens e esmagam diversos valores para galgar seus objetivos.

Esse ser contemporâneo sai da condição de homem para a condição de coisa, algo exterior a ele, irreflexivo e materializado. Na sociedade das coisas, o sentimento é posto num plano inferior, referente à mera tolice.

Dez anos após ingressar na “nova vida”, regada a bebida alcóolica e muita *perversão*, Quincas é encontrado morto em um pequeno quarto onde habitava desde quando abandonou o lar. Surgem, a partir de então, sucessivas histórias, e é através delas que o autor de fato conduz a sua narrativa, vivifica suas personagens, se faz onisciente perante seu enredo e releva os sentimentos postos em segundo plano e a visão do homem-coisa.

No momento em que surge a notícia do falecimento de Quincas, sua família é avisada e se vê na obrigação de tomar parte do caso. É um momento de transtornos para Vanda, sua filha, que de fato estava preocupada em dar ao seu pai, Joaquim Soares, um velório honrado e digno de um homem de bem. O falecimento, para ela, era uma vitória, “*a morte enfim trouxera de volta o pai, o bom homem, a marido responsável, o funcionário admirado por todos em seu*

*trabalho*”, era a mão esquecida da morte limpando o que restara de Berro D’água, matando o mendigo, o louco enfim.

Vanda era fruto da sociedade que acreditava. Tinha seus valores alienados ao modelo capitalista e social. Cria que o valor do indivíduo estava relacionado às suas posses materiais.

O homem é respeitado pelo que possui. A sua valorização é dada mediante coisas. O sujeito não é dono de si, mas das coisas que possui, e essas coisas são o seu senhor supremo.

“Lembra-te que tempo é dinheiro. Para aquele que pode ganhar dez xelins por dia pelo seu trabalho e vai passear, ou fica ocioso metade do dia, apesar de não gastar mais que seis pences em sua vadiagem ou diversão, não deve ser computada apenas essa despesa; ele gastou, ou melhor jogou fora, mais de cinco xelins”. (WEBER, 2001, p.48)

Parafrazeando Rousseau *O homem é um ser essencialmente bom*, sua condição de mau é postulada a partir do momento que esse é instigado pela própria sociedade aparente, que lança-o no abismo do desejo de ter que ter, e assim, morre o homem cartesiano, “Penso, logo existo” para dá vida e espaço ao homem do “Tenho, logo existo”.

Quando o indivíduo não é possuidor de elementos que lhe deem valor material, esse é reduzido ao vácuo, passando a ser despercebido e desmerecido pela ausência das coisas. Nesta condição, o indivíduo por se notar à margem do rol da sociedade do ter, e logo, não ter, recolhe-se em si, e em sua reclusão social, articula-se consigo, desmerece a sua existência, e ver como saída o suicídio ou engendrar na busca do ter pelas vias vis. Essa redução de valor a qual o homem se submeteu, vem provocando ao longo do tempo uma sensação de impotência ao homem-coisa-sem-coisa.

Ao produzir para prover-se do que precisa os seres humanos procuram dominar as circunstâncias naturais, e podem modificar a fauna e a flora. Para isso, organizam-se socialmente, estabelecem relações sociais. O ato de produzir gera também novas necessidades, que não são, por conseguinte, simples exigências

naturais ou físicas, mas produtos da existência social. (QUINTANEIRO, 2009, p. 33).

A formação do caráter do indivíduo pode estar relacionada com a educação que esse teve no seio familiar. Reich chama a atenção para o papel da Família na formação do tipo caráter individual, segundo o autor, esse caráter vai sustentar a ordem política e econômica da sociedade. Conseqüentemente, sugere que deveríamos examinar a estrutura da família e suas práticas de criação dos filhos em uma época histórica para compreender como as realidades econômicas são traduzidas em política, ética e religião.

Quincas Berro D'água reflete a história de muitos baianos e brasileiros que vivem os dissabores da subvida. Sem moradia, trabalho e o "capital", (dinheiro), são marginalizados, estigmatizados e caricaturados como seres desmerecedores de qualquer ação estatal e/ou privada que lhes assegurem as necessidades básicas de sobrevivência.

A Constituição Federal brasileira de 1988, preconiza no seu Art. 3, inciso III e IV a erradicação da pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais, bem como promover o bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. Entretanto, é notório e público os descasos com os cidadãos que são desprovidos de recursos materiais e financeiros. Pessoas reais, como as personagens Quincas e seus amigos, são postos às ruas, sem qualquer referência de dignidade e humanidade. O que resta para essas pessoas? Por desespero, muitos deles engendram no mundo da marginalidade de fato, roubam para o seu sustento e manutenção das suas vidas.

Muitos "Quincas" ainda perambulam pelas ruas das cidades, se refugiam sobre viadutos, calçadas, barracos, palafitas e tantas outras formas de escapar das intemperes naturais e sociais. Em sua grande maioria, as pessoas que povoam esses espaços geográficos ora citados, são indivíduos que romperam com laços familiares por despossuírem condições físicas para o trabalho e serem vistas como "fardos" na estrutura familiar, ou por possuírem comportamentos que desencontram com os preestabelecidos pela sociedade como normal.

Vê-se que em diversos grupos sociais de outrora e também da contemporaneidade, para muitos núcleos familiares era e é preferível a morte de um ente que o rompimento com as tradições sociais. Se retomarmos a Idade Média veremos que, muitas moças foram decapitadas por se “desvirtuar” antes do casamento; também, muitos jovens rapazes foram aniquilados por desenvolver tendências homossexuais, os valores que consolidavam essas “verdades” se estendeu por muitos séculos, chegando a deixar resíduos até mesmo na sociedade contemporânea. Esses acontecimentos, em quase sua totalidade, tinham o aval da família, quando não era cometido por essa. A família é o primeiro núcleo familiar, nela as relações de poder começam a se estabelecer.

As relações de afetividades são construídas ao longo tempo, uma criança desencadeia sentimentos pelos pais, em especial por sua mãe, partindo da necessidade que ela, a criança, tem de sobrevivência. A priori, o indivíduo humano depende, totalmente, do outro para a manutenção da sua vida, com o tempo, essa necessidade vai deixando de existir e o que a mantém próxima ao núcleo familiar são os laços afetivos que foram construídos ao longo do tempo.

Para muitos, esses laços são determinados pela consanguinidade, porém, isso não é verossímil, pois se considerarmos as crianças que são adotadas por pessoas que não tem nenhuma herança consanguínea, percebemos que seus sentimentos são tão iguais aos dos filhos naturais, portanto, a afetividade entre pessoas são construídas com o convívio e determinadas pela educação que recebem e constroem ao longo de suas vidas. Segundo Rousseau:

... os filhos só se sujeitam ao pai enquanto necessitam dele para se conservar, e, finda a precisão, desprende-se o laço natural; isentos os filhos da obediência devida ao pai, isento este dos cuidados que requer à infância, todos ficam independentes. Se continuam a viver unidos, não é natural, mas sim voluntariamente, e só por convenção à própria família se mantém. (ROUSSEAU, 2000, p. 18)

Retomando a família de Quincas, veremos que com a morte surgia a preocupação sobre de que forma se daria o funeral: se convidariam os amigos, se organizariam em um salão onde pudessem oferecer salgados, entretanto,

surgia uma outra questão: todos passariam a saber de fato o que acontecera com Joaquim, no que ele havia se transformado, e isso provocara vergonha a todos, a Leonardo, seu genro, a Eduardo, seu irmão e para sua irmã Maroca, estes estavam mais preocupados com os gastos do que com qualquer outra coisa.

A relação de família não existia havia tempos, nada sobre Joaquim comovia aos seus familiares consanguíneos. A sua morte significava tormento no aspecto econômico e social, mas, sob nenhuma forma, em aspectos afetivos.

Tio Eduardo explicava:

- Caro mesmo é o caixão. E os automóveis, se for acompanhamento grande. Uma fortuna. Hoje não se pode mais morrer. (AMADO, 2000, p. 23)

Por todo o tempo no qual Quincas conviveu nas ruas, desenvolveu um sentimento de humanidade e solidariedade pelos desfavorecidos socialmente. Em uma determinada situação, ele, o Quincas, acolheu por meses uma criança que ficara abandonada por período em que sua mãe fora encarcerada na delegacia. Cuidou como se fosse sua prole.

Percebe-se que o sentimento de família, a generosidade com o outro se dá mais nas camadas sociais mais pobres. Nesses espaços, os indivíduos parecem desenvolver mais o lado humano, é como se “a maldição” do dinheiro não tivesse corrompido essas pessoas.

O noticiário do óbito se espalha pelas ruas periféricas, “casa” de Quincas, levando dor e angústia a todos. Reúnem-se os amigos, os quatro mais chegados: Negro Pastinha, Curió, Cabo Martim e Pé-de-Vento, vão até o local onde se encontrara inerte e frio o corpo do amigo, do “paizinho”, do poeta e filósofo. A chegada deles provoca repúdio em Vanda e nos demais, ignorando-os e menosprezando-os por suas aparências desleixadas; ainda assim eles não se intimidam e permanecem até o momento oportuno de ficarem a sós com Quincas, e fenomenicamente, ou por via de visões alcoólicas, passam a acreditar que o morto respondia a seus sinais.

O amor que os amigos de Quincas nutriam por ele era sublime e verdadeiro. Talvez, não somente o estado ébrio levou-os a crer que seu amigo estivesse ainda vivo, mas sim o desejo grandioso de tê-lo sempre aos seus lados. O medo de perder o amigo para a morte era intenso, porém, não maior que o de tê-lo vivo, e esse amor que transcendia a realidade, levou-os às imaginações mais alucinadas e comoventes. Lutar contra a morte não seria uma guerra para eles, outrossim, seria uma odisséia incrível e, porque não dizer, prazerosa. *Quincas estava vivo. Apenas caçoava deles, brincava de estar morto, e junto a eles os quatro amigos se juntam, mais uma vez, para viver uma aventura.*

Levados por toda a crença de que Quincas ainda vivia, resolveram então tirar-lhe a roupa que haviam lhe posto: paletó, gravata, calça de linho e bons sapatos, e trouxeram de volta seu amigo. Passearam pelas ruas, caminharam pelas areias da praia, fizeram peraltices, até confusão com alguns garotos que fumavam maconha próximos a eles fizeram, em todo este itinerário encontrava-se Quincas, sem falar nada, mas com sorriso satisfeito e aparência feliz de poder está de volta aos seus amigos. Felizes, eles, os quatro amigos, bem como Quitéria do Olho Arregalado, meretriz, mulher de Quincas, que se juntara aos cinco, resolveram ir ao mar, local predileto de seu herói, sendo lá surpreendidos por um temporal e em meio à agitação furiosa das águas o que viram foi Quincas “levantar-se” e “atirar-se” ao mar, sendo “engolido” pelas ondas e partindo para morte.

Quincas “morreu” duas vezes. A sua primeira morte se deu quando rompeu com sua família e as regras sociais. Morrer para a sociedade é afastar-se das suas regras, é ir de encontro aos seus padrões preestabelecidos, negando muitas crenças e costumes para engendrar em uma liberdade natural e assumir uma nova identidade, sem marcas e sem máculas, sem permitir que a coletividade se sobreponha ao individual. Porém, como viveria uma sociedade sem regras, sem costumes, sem normas que possam conduzi-la de forma igual? O que é determinante não pode ser a obediência cega aos valores históricos, mas posicionar-se de forma crítica a esses valores, respeitando-os para primar pela liberdade do outro, sem deixar que a identidade individual morra ou se perca em detrimento do coletivo.

A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado.

A crise de identidade é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

O sujeito do iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão. Esta concepção mostra um sujeito capaz de pensar por si, através das suas reflexões e leituras de mundo, é o sujeito em busca de respostas e pronto a encará-las de forma consciente.

O sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”. Neste caso, a sociedade influencia no sujeito, o grupo, ou grupos terá(ão) valores significativos e influenciarão de forma direta e/ou indireta no eu do sujeito, visto que ele agora é parte de um todo e se vê como tal.

Já o sujeito pós-moderno é conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”. A identidade do sujeito é construída historicamente.

Na segunda morte de Quincas, a morte do corpo físico, o autor enfatiza mais valores, tais como o valor religioso. Existe todo um constructo sobre a morte, e ela é vista como o divisor de águas na humanidade. É o céu e o inferno em questão.

O sincretismo religioso é posto de forma lúdica, porém externando os preconceitos em torno de seguimentos de fé como a umbanda e o candomblé. Para decidir sobre o funeral do pai, Vanda pensa em chamar o padre para dar a extrema unção a Quincas, revelando a sua tendência religiosa e seguidora do cristianismo ortodoxo romano. Porém, num determinado momento da odisseia do defunto, aonde esse era levado pelos amigos na crença de que ainda vivia e Vanda, na tentativa de localizar o corpo do seu pai para finalizar com aquela situação fúnebre, se viu obrigada e adentrar num terreiro de candomblé. Na ocasião retrucou e resistiu por instantes para não entrar naquele espaço que segundo ela, não era digno, pois tratava-se de culto ao diabo e prática de feitiçaria. Esse pensamento é comum aos povos oriundos das religiões predominantes como o catolicismo e protestantismo.

Em linhas gerais, o candomblé, a umbanda e seguimentos afins, sofrem discriminação em suas práticas religiosas. Esse fator é histórico, por essas religiões são oriundas de negros escravos que aprenderam a cultuar seus orixás, guias espirituais que também tem suas representações nos elementos quatro elementos da natureza. Essa prática religiosa por longos períodos da história foi proibida e condenada, de forma que os indivíduos que as realizassem poderiam ser condenados até a morte, pois eram vistos como bruxos, hereges e descumpridores dos dogmas católicos. Esses imaginários circundam ainda, em pleno século XXI, as culturas religiosas que se opõem de forma ferrenha e fervorosa aos seguidores dos seguimentos dos orixás.

Enfim, a análise das consciências sociais, das regras e padrões comportamentais, econômicos, religiosos e dos valores de família que se encontram arraigados na sociedade contemporânea podem ser vistos nesse artigo como instrumentos de controle social. Através dessas regras a sociedade formula um contrato social das relações inter e intrapessoais que servem de código balizador para a manutenção dos estratos sociais dentro de uma superestrutura que segrega.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

AMADO, Jorge. *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*. Rio de Janeiro. Record, 2000.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método Sociológico*. Pietro Nasseti. Coleção obra prima de cada autor. São Paulo. Editora Martin Claret, 2001.

MARX, Karl & ENGELS, Frederick. *Manifesto do partido comunista*. Trad. Pietro Nasseti, Coleção obra prima de cada autor. São Paulo. Editora Martin Claret, 2000.

QUINTANEIRO, Tania. *Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber*. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

ROUSSEAU, Jean-Jaques. *Do contrato social*. Trad. Pietro Nasseti, Coleção obra prima de cada autor. São Paulo. Editora Martin Claret, 2000.

TOMAZI, Nelson Dacio. *Sociologia para o ensino médio*. 2. ed. São Paulo: Saraiva. 2010.